



ANTES DE A FESTA COMEÇAR

OS BASTIDORES
DO EXAUSTIVO
PROCESSO
RESPONSÁVEL
POR CONSUMIR
ATÉ CINCO ANOS
DE TRABALHO, DE
PLANEJAMENTO
E DE MONTAGEM
DE UMA GRANDE
EXPOSIÇÃO DE ARTE

POR MELANIE TORRES

Quando vamos a uma exposição de um famoso pintor ou escultor, não imaginamos quanto tempo leva para montá-la, muito menos o trabalho e a quantidade de profissionais envolvidos

até o momento da abertura. Só para ter uma ideia, a realização da mostra *Alberto Giacometti (1901-1966)*, em cartaz na Pinacoteca do Estado de São Paulo a partir do dia 24 deste mês, obrigou a Base 7, empresa responsável pela exposição, a iniciar as negociações com a francesa *Fondation Alberto et Annette Giacometti* há exatos três anos, permitindo a vinda de mais de 200 obras do renomado artista suíço ao país.

De 2009 para cá, houve conversas, viagens de membros da Fundação Giacometti ao Brasil com objetivo de conhecer os espaços existentes aqui, ajustes da curadoria de ambos os países, encaixe das agendas de todas as instituições envolvidas, entre outras questões importantes. "Uma exposição grande pode levar de dois até cinco anos para se viabilizar. As instituições europeias estão acostumadas com cronogramas de longo prazo e nós somos mais acelerados, a produção brasileira é mais ágil. Por outro lado, temos que

entrar com o projeto via Lei Rouanet para conseguir patrocinadores, e isso necessita ser feito em paralelo a toda negociação no exterior", explica Arnaldo Spindel, um dos diretores da Base 7.

Outro evento recente que levou anos para se concretizar e estará aberto ao público a partir do dia 20 deste mês na Casa Fiat de Cultura, em Belo Horizonte, antes de chegar ao Museu de Arte de São Paulo (Masp), é a mostra *De Chirico: o sentimento da arquitetura*. A Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, responsável pela exposição no Brasil, trouxe cerca de 120 obras, entre pinturas, esculturas e litografias, do artista italiano nascido na Grécia, Giorgio de Chirico. "Esse processo de montagem exigiu quase três anos de trabalho. A partir da sugestão feita pelo nosso Conselho Curatorial e a concepção da proposta pela curadora Maddalena D'Alfonso (crítica de arte e arquiteta), além da confirmação do apoio da Fondazione Giorgio e Isa de Chirico, houve reuniões com a Casa Fiat e o Masp, que concordaram em sediar a exposição e se tornaram grandes parceiros na construção do projeto", explica Fábio Coutinho, superintendente cultural da Fundação Iberê Camargo, que exibiu a mostra de dezembro último até o início de março.

Os desafios também se repetiram no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba. Sandra Fogagnoli, coordenadora de planejamento cultural, conta

que em 2007, para montar a exposição *Volpi: o mestre de sua época*, com cerca de 120 pinturas do artista italo-brasileiro Alfredo Volpi (1896-1988), foi necessária uma logística mais delicada se comparada com a de outras exposições. "Além das aproximadamente 60 obras do artista que estiveram em uma exposição do Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (Malba), recolhemos mais de 50 pinturas de cerca de 15 colecionadores particulares e institucionais brasileiros. Foi uma produção diferencia-

da, uma vez que tivemos que estabelecer esses contatos, termos de empréstimo por meio de correspondências e trazê-las após o término da mostra de Buenos Aires", relata a coordenadora.

PROTEÇÃO E SEGURANÇA

Organizar a saída das obras de um artista internacional do seu museu de origem demanda tempo e tecnologia de ponta. Passada a parte da concepção e formalização do projeto, contrata-se uma empresa de transporte, nor-

malmente especializada nesse tipo de carga. A contratada, também é responsável pela confecção das embalagens que vão acolher as obras e protegê-las até o museu que sediará a mostra. Para respeitar um exigente padrão de proteção, tais embalagens são construídas com as medidas aproximadas das obras e normalmente levam duas ou mais peças que se encaixam umas às outras. Tudo para evitar o risco de choques e danos provocados por oscilações de umidade e variações de temperatura. A parte externa da caixa é de madeira e seu interior é revestido com etafon, um tipo de espuma especial cuja finalidade é isolar as obras umas das outras.

O transporte mais utilizado nas viagens de um país a outro é o avião. O navio é opção quando se trata de esculturas ou painéis muito grandes e pesados. Embora muitas questões variem de acordo com cada contrato, o traslado de uma coleção pode ser realizado em dois ou mais voos. A medida evita que, em caso de algum acidente se perca todo o conjunto.

Em exposições itinerantes, a movimentação da coleção é feita por via terrestre, em caminhões com compartimento de carga refrigerado. As viagens ocorrem em horários diferenciados, os quais são de conhecimento de poucas pessoas.

Um exemplo de uma grande mostra que necessitou a locomoção terrestre foi a *Amor e Solidariedade*, uma retrospectiva de 60 anos do trabalho do artista pernambucano Abelardo da Hora, com curadoria do crítico de arte e ex-

-diretor do Masp Renato Magalhães Gouvêa.

"Em todos os trajetos do itinerário, desde o início, em agosto de 2009, no Centro Cultural Banco do Brasil, de Brasília, até a última etapa no Recife, na Galeria Janete Costa, em março de 2011, segui-

Na outra página, a Fundação Iberê Camargo durante a montagem da exposição *De Chirico: o sentimento da arquitetura*; ao lado, a chegada das obras para a mostra *Amor e Solidariedade*, na Galeria Janete Costa

mos em uma caravana de carretas com as 130 obras do papai, a maioria pertencente ao acervo do Instituto Abelardo da Hora e algumas de colecionadores e museus", relata o filho do escultor e produtor executivo da mostra, Abelardo da Hora Filho.

Outro ator importante no processo de montagem da exposição é o *courier*, profissional da área de conservação, direcionado a acompanhar todas as saídas e chegadas de um acervo. Normalmente ligado diretamente ao museu emprestador, ele está presente nas etapas de embalagem, transporte, montagem da obra no espaço



QUANTO CUSTA PROTEGER?

O seguro de obras de arte, chamado de prego a prego (parede a parede), é caríssimo, podendo chegar a mais de 500 mil euros por uma coleção. Ele é o resultado de cálculos e análises de risco sobre o valor total das obras emprestadas e o perío-

do de empréstimo. O museu emprestador é que faz a avaliação do conjunto cedido. Há alguns contratos que exigem que se faça o seguro com uma determinada empresa, normalmente internacional, habituada a trabalhar com aquela fundação ou museu,



Em sentido horário: funcionários deslocam escultura de Abelardo da Hora; técnicos trabalham na exposição Volpi: o mestre de sua época, do Museu Oscar Niemeyer; profissional prepara laudo da exposição De Chirico: o sentimento da arquitetura



FOTO FUNDAÇÃO HERÉ CARREGO - LUIZ T. FORTUNA / DIVULGAÇÃO
FOTOS AMOR E SUJIMAREM - DANIEL DA HORA / DAH DIVULGAÇÃO
FOTOS VOLPI: O MESTRE DE SUA ÉPOCA - NATEA FRANCO / DIVULGAÇÃO

expositivo e no retorno dela ao local de origem.

Mais um cargo importante dentro da estrutura de um museu é o conservador. Segundo Regina Viesi, coordenadora do núcleo de produção, expografia e montagem da Pinacoteca do Estado de São Paulo, este profissional checa diariamente se as obras sofreram algum tipo de dano, anota em laudos e, se houver necessidade, avisa imediatamente a instituição emprestadora.

Mas, antes de chegar às paredes de um museu, todas as peças que serão expostas permanecem nas caixas dentro da reserva técnica do museu por um período de 24 a 48 horas, prazo destinado a aclimatização às condições de temperatura e umidade locais.

Já nas salas expositoras, a umidade relativa do ar é de 50% a 60% e a temperatura de 19° a 21°, podendo oscilar cerca de 5%, para cima ou para baixo. Mas essa não é uma regra absoluta, podendo variar de acordo com o material e a idade de uma obra. Por exemplo, papéis, figuras, desenhos e fotografias são muito mais delicados e exigem, muitas vezes, temperatura e iluminação especiais. "É por isso que nas exposições há salas que são mais geladas e mais escuras que outras", comenta Arnaldo Spindel.

A equipe de seguranças ou vigilantes, seja

ela do próprio museu ou terceirizada, varia de acordo com o tamanho do ambiente. Às vezes, um profissional pode cuidar de duas salas ao mesmo tempo, mas tudo depende do quanto o ângulo de visão dele é favorável.

O IMAGINÁRIO DA ARTE

O trabalho de um curador é organizar a parte física e conceitual da exposição. Ou seja, escolher as obras integrantes da mostra, o que aquele grupo de peças representa em termos de informação sobre o artista, suas fases, a época, o lugar em que viveu etc. É como se ele contasse a história de cada obra daquele acervo e a contextualizasse para o público do seu país.

No caso de exposições de artistas internacionais como De Chirico e Giacometti, por exemplo, muitas vezes os curadores do museu de origem – normalmente indicados pela própria instituição – trabalham em parceria com o curador do espaço que vai receber a exposição.

O professor Teixeira Coelho, curador do Masp, conta que no passado nem sempre foi assim, mas que hoje é quase que uma necessidade trabalhar com essa parceria entre curadores. "Cada museu tem sua cultura, seu modo de expor e depois que você define uma maneira de

trabalhar, não tem sentido mudá-la. Por exemplo, aqui no Masp, precisa ter [legenda] em inglês e português, e em outros locais do país, não. Nós sabemos o tamanho da nossa etiqueta, onde ela deve ficar, conhecemos nosso espaço, condições de luz e som, enquanto uma pessoa que vem de fora não conhece e vai levar muito tempo para conhecer", afirma o professor.

O curador também é responsável pelo catálogo da exposição, quando há. Não necessariamente escreve os textos, podendo pedir a outro profissional que o faça, mas é ele quem define o conteúdo e demais processos que envolvem o desenvolvimento da peça.

Por sua vez, o desenvolvimento da expografia é a etapa referente ao planejamento de outros detalhes de extrema importância para uma exposição: construção de mobiliário, pintura, vitrines, iluminação, plotagem dos textos nas paredes, etiquetas e painéis de texto, ou seja, a montagem cenográfica da exposição. Tudo é pensado pelo curador antes, mas são arquitetos, museólogos, designers, produtores, marceneiros, pintores e iluminadores que vão conceber o espaço pensado. Por último, são definidos detalhes do material de divulgação para imprensa e público em geral. Enfim, a conclusão de um longo caminho percorrido pelas artes. ■

AS CORES DO RIO

A ideia de montar uma exposição de arte diferente das tradicionais e que atendessem ao público jovem foi da diretora do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (MNBA), Mônica Xexéo. Desejo que resultou na exposição interativa *Rio: a arte da animação*, a qual ocupou a sala Bernardelli do MNBA de julho a setembro do ano passado. A ambientação original foi inspirada no longa-metragem de animação *Rio*, do diretor carioca Carlos Saldanha.

De acordo com Marcello Monteiro, responsável pela montagem e curadoria da mostra, a exposição possibilitou ao público a visão de recursos de última geração empregados na produção do filme e, sobretudo, a demonstração de que as técnicas artesanais não são dispensáveis. "Tentamos mostrar que, por trás de um filme de animação de última tecnologia digital, ainda são

empregadas técnicas artesanais indispensáveis para dar a qualidade estética observada nas telas dos cinemas", explica Monteiro.

Rio: a arte da animação também expôs as páginas do roteiro do longa-metragem, os esboços das personagens, as animações finais incluídas na produção, os jogos relacionados e a exibição do filme em telas 3D.

"Na parte internacional, foi necessário o apoio da Fox e da Blue Sky que tiveram que aprender com a gente como se faz uma exposição sobre animação no Brasil, com todas as diferenças legislativas e culturais que envolveram parceiros dos EUA e daqui", afirma.

O seguro cobriu a propriedade intelectual de todas as imagens criadas para o filme, como forma de evitar que o material pudesse ser pirateado. Todos os envolvidos no processo tiveram que assinar um termo de sigilo e se comprometeram a apagar tudo após o uso.

